

ARTIGO para a AC25A do Canadá

“ Nas brumas da memória do 25 de Abril de 1974”

“ O NEVOEIRO do 16 de Março”

Recordo que quando regressei da Guerra de África e começamos a preparar a revolução do 25 de Abril, eu era Capitão e estava colocado no RI5 das Caldas da Rainha onde, durante os meses de inverno, era habitual haver nevoeiro intenso e bastante frio que se sentia nos ossos.

Também na noite de 15 para 16 de Março, data em que se deu a sublevação do quartel, havia frio e nevoeiro intenso, de tal modo que a visibilidade dentro da Unidade era bastante reduzida. Aos militares que se encontravam de serviço tinha sido distribuído capote cinzento e café com bagaço.

Lembro que estávamos em plena Guerra Colonial, desde 1961, sem fim à vista, já que o poder político de sistema ditatorial preferia continuar “orgulhosamente só”, na penumbra, não dando ouvidos nem aos militares nem aos outros Países que propunham soluções para o fim do conflito armado em África.

Face a essa teimosia e à insatisfação que se vivia no País, devido ao seu atraso cultural, económico e à insatisfação generalizada das Forças Armadas, pelo facto de serem consideradas o “bode expiatório” da Guerra, os Oficiais organizaram-se no Movimento de Capitães e em 01 de Dezembro de 1973, em Óbidos, fizeram uma reunião, concluíram que o problema da guerra era político, nomearam a Comissão Coordenadora e decidiram pegar em armas, preparar e fazer uma revolução.

Seguidamente, em Fevereiro de 1974, o General Spínola publicou o livro intitulado “ Portugal e o Futuro” no qual defendia, tal como tínhamos afirmado na reunião de Óbidos, que “a Solução para a Guerra de África era política e não Militar”. Teve o apoio do General Costa Gomes.

No dia 12 de Março, os Generais Costa Gomes e Spínola, não compareceram nas cerimónias de solidariedade para com o regime, levada a cabo pelos Generais dos três Ramos das Forças Armadas (conhecidos por Brigada do Reumático), pelo que foram exonerados dos cargos de Chefe e Vice-Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas

Como o General Spínola tinha forte carisma militar, adquirido na Guiné, vários oficiais pensaram que com ele à cabeça seria fácil mobilizar o Exército e fazer um golpe de Estado, bastando para tal que algumas Unidades saíssem a ocupar posições dominantes junto dos órgãos de poder, o que faria com que as forças leais ao poder político oferecessem pouca resistência e se rendessem rapidamente.

Entretanto, analisava-se a situação, fizeram-se planos e verificou-se que havia um problema, pois os Oficiais estavam divididos. O Movimento de Capitães, na sua maioria, considerou que ainda não estavam reunidas as condições para essa acção e por outro lado considerava o General Costa Gomes com maior crédito para a dirigir.

Apesar desta posição, em 15 de Março numa reunião de Oficiais em casa do Major Monge, em que os Majores Otelo e Casanova Ferreira estavam presentes, foi recebido um telefonema de

Lamego, dizendo que o Quartel se tinha revoltado, tinham prendido o Comandante que já estavam sobre rodas, em direcção a Lisboa e que também no Norte o QG já tinha sido tomado. Foi então que o Major Otelo, da Comissão Coordenadora, pressionado pelos Oficiais spinolistas, e contrariamente à opinião do Major Vitor Alves, deu a ordem de marcha ao RI5, tendo para o efeito mandado como estafeta o spinolista Capitão Ramos. À sua chegada contactou o Capitão Varela e ambos desencadearam o processo que culminou com a prisão do Comandante do Regimento e com a saída de uma Coluna Militar em direcção a Lisboa.

Nessa altura, face ao evoluir da situação militar, foi ordenado passar à situação de “Prevenção rigorosa” pelo que foi dada ordem a todos os militares para se apresentarem imediatamente na sua Unidade. Tal foi o caso do Capitão Carvalho que tinha ido a Lisboa visitar a família e recebeu um telefonema para se apresentar imediatamente no RI5. O nevoeiro era de tal modo cerrado que apesar de se ter cruzado, na Autoestrada, com a Coluna militar que tinha saído das Caldas da Rainha em direcção a Lisboa nem se apercebeu do que se passava. Só tomou conhecimento dos acontecimentos quando entrou no quartel.

Entretanto, o Major Otelo telefonou para a Escola Prática de Artilharia a pedir apoio e não tendo sucesso, dirigiu-se a Maфра onde, também, tentou fazer sair também uma Companhia em direcção a Lisboa. Não o tendo conseguido, e tendo verificado que havia tropas a defender a entrada de Lisboa, contactou o Major Monge que se dirigiu à autoestrada, e a 5km de Lisboa mandou parar a Coluna das Caldas, inverter a marcha e regressar ao quartel, sem que tenha havido qualquer confronto com as forças leais ao governo.

Recordo aqui, enquanto o nevoeiro me não apaga a memória, que o Major Monge se dirigiu na sua viatura ao RI5 e me disse que perante a prisão do Comandante da Unidade, ele como Oficial mais antigo e elemento da Coordenadora, assumia o Comando do quartel. Deu as suas ordens, dizendo que não haveria tiros, que a coluna militar tinha cumprido a missão e estava de regresso ao quartel porque se pretendia evitar um banho de sangue.

Depois, com o quartel cercado por tropas da Região Militar de Tomar, negociou a rendição com o Brigadeiro Serrano, dizendo –lhe que **“o Quartel estava às ordens do General Spínola e só dele recebia ordens”**. Foi então claro para mim que tínhamos actuado sozinhos, embora nos tivessem dito que já estávamos atrasados na saída e que as outras Unidades já estavam na rua, fomos enganados, deixei de ter dúvidas de que se tratava de um **golpe spinolista**.

Soubemos posteriormente que esta tentativa de derrubar a ditadura, foi decidida naquela reunião “enevoada”, em casa do Major Monge. Nela estiveram alguns membros da Comissão Coordenadora que tinham servido com Spínola na Guiné, foram pressionados por Oficiais Spinolistas que, segundo penso, pretendiam fazer um golpe de Estado e colocar o General Spínola na Presidência da República para tirarem dividendos dessa acção.

Esta isolada antecipação spinolista, em noite de nevoeiro, poderia ter comprometido toda a acção do Movimento de Capitães. Foi extemporânea, levando a que todos os Oficiais e Sargentos que tomaram parte nessa intentona fossem presos e transferidos para outras Unidades. Tal facto, porém, levou a um maior conhecimento do que se passava e a uma maior união entre os militares. Tornava-se necessário libertar os camaradas que se encontravam presos, havia que reorganizar o plano de Operações tendo em conta a experiência falhada.

Estes tempos, não foram fáceis para os prisioneiros, que se encontravam detidos na Casa de Reclusão da Trafaria, no Regimento de Artilharia de Lisboa e em Santa Margarida. A todos foi levantado um processo disciplinar, para averiguar quem eram os mais “culpados”. Segundo informação de um Oficial General, amigo do pai de um Oficial detido, seríamos expulsos do Exército antes de 01 de Maio de 1974 e entregues à PIDE.

Relembro também que o Oficial averiguante do processo, Coronel Garcez Lencastre, no seu interrogatório perguntou-me o que é que eu me lembrava acerca dos acontecimentos da noite de 16 de Março e qual a organização clandestina a que eu pertencia. Respondi que pertencia ao Movimento de Capitães e que relativamente à noite de 15/16 de Março só me lembrava que havia muito nevoeiro e que me encontrava bastante febril. Ele ficou furioso, apontou-me o candeeiro para os olhos e perguntou quem é que me tinha dado ordens. Respondi novamente que dessa noite só recordava que estava com bastante febre e que havia intenso nevoeiro, que eu era o Oficial detido mais antigo, que agi por minha vontade, que lutava pela liberdade e pela defesa da dignidade dos Oficiais das Forças Armadas, apoiava os Generais Costa Gomes e Spínola, mas não recordava quem eram os elementos da Comissão Coordenadora do Movimento de Capitães.

O poder político menosprezou este acontecimento, afirmando que “reinava a ordem em todo o País”, no entanto as Forças Armadas estavam em grande agitação, o 16 de Março acabou por ser como que uma forte explosão que afastou o nevoeiro cerrado em que o País se encontrava e permitiu que o sol brilhasse no dia 25 de Abril. Faço aqui uma analogia ao monumento erguido em sua memória, junto do quartel das Caldas da Rainha.

Felizmente, dissipou-se o nevoeiro, o Movimento de Capitães evoluiu para Movimento das Forças Armadas e conseguiu derrubar a ditadura em 25 de Abril de 1974, libertar os Militares presos no 16 de Março de 1974, libertar os presos políticos, terminar a Guerra de África e possibilitar o caminho para a Democracia, as eleições livres e a dignificação do Povo português.

Como escreveu Sophia de Mello Breyner:

“ Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo”

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal!

Lisboa, 11 de Fevereiro de 2019

José Marques Gonçalves Novo

Cor. CEM/Inf-Capitão de Abril